

## **Pentecostalismo ribeirinho: tendências, adaptações e cosmovisões de uma religiosidade popular amazônica**

Pentecostalism ribeirinho: trends, adaptations and  
cosmovisions of a popular amazonian religiosity

*Carlos Antônio Braga de Souza*<sup>1</sup>

*José Augusto Oliveira Dias*<sup>2</sup>

### **Resumo**

A pesquisa aborda o campo religioso na comunidade ribeirinha da Ilha do Murumurú em Muaná – Marajó, onde o pentecostalismo amazônico uma vez instalado adere características únicas. Para compreensão deste dispusemo-nos da observação da religiosidade popular local, comparando algumas práticas da pajelança cabocla com as pentecostais atuantes na localidade através de observações e conversas em campo para uma possível compreensão de alguns fatores que levaram o pentecostalismo a se tornar uma das religiosidades amazônicas fortemente atuantes naquele local. Observou-se que o pentecostalismo na Amazônia-paraense, em muitos casos, possui características de um produto de seu meio, resultado da facilidade de se adaptar ao contexto cultural que ele possui. Por esta razão, vemos nas localidades interioranas e ribeirinhas paraenses, um pentecostalismo mais popular que institucional.

**Palavras-chave:** Hábitos, Religiosidades, Ressignificação, Pentecostalismo, Pajelança-cabocla.

### **Abstract**

The research approaches the religious field in the community of the Island of Murumurú in Muaná - Marajó, where once installed Pentecostalism adheres unique characteristics. In order to understand this, we made use of the observation of the local popular religiosity, comparing some practices of the cabocla pajelança with the active Pentecostals in the locality through observations and conversations in the field for a possible understanding of some factors that led the Pentecostalism to become one of the Amazonian

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica- PUC- São Paulo. Coordenador do Grupo de Pesquisa Arte, gênero, Instituições e Religião – AGIR-UFPA. Professor associado da UFPA.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará-UEPA. Participante no Grupo de Pesquisa Movimentos, Instituições e Culturas Evangélicas na Amazônia-MICEA-UEPA. Participante do Grupo de Pesquisa Arte, Gênero, Instituições e Religião-AGIR-UFPA.

religions acting. It is evident that Pentecostalism today in the Amazon-Paraense is nothing more than a product of its environment, a result of the ease of adapting to the cultural context that it possesses. For this reason, we see in Pentecostalism practiced in Pará and its localities, a Pentecostalism more popular than institutional.

**Keywords:** Habits, Religiosity, Resignation, Pentecostalism, Pajelançacabocla.

## **Introdução**

Em alta hoje no campo religioso brasileiro, o pentecostalismo institucional vai se distanciando de suas origens, rotinizando seu carisma e burocratizando seu sagrado. No entanto, um grande detalhe não permite que muitos, principalmente seus fiéis, vejam este fato. O detalhe em questão se trata de o pentecostalismo rotinado e burocratizado encontrar-se assentado sobre a *massa bruta* pentecostal. Como *massa bruta* pentecostal, temos grande número de comunidades alcançadas pela fé pentecostal, mas que, não abrindo mão de seus costumes locais introduziram os hábitos pentecostais ao cotidiano cultural das comunidades onde moram. É isto o que ocorre em Belém do Pará e suas localidades interioranas e ribeirinhas, onde os indivíduos convivem com um pentecostalismo imposto pela instituição e outro pentecostalismo vivido fora das igrejas, resultando num pentecostalismo popular que também designamos como pentecostalismo amazônico nas áreas ribeirinhas.

Convivendo no meio pentecostal nas periferias de Belém do Pará, e pertencendo durante anos à Assembleia Deus e a Congregação Cristã no Brasil, inclusive tendo viajado a certas localidades ribeirinhas paraenses, tornou-se inevitável a inquietação das reflexões através das observações e vivências do meio por onde passamos. E como comenta Mariza Peirano (2014): “É nesse momento que o instinto etnográfico é acionado”.

Para analisarmos e entendermos os aspectos e as tendências que geraram a cosmovisão pentecostal amazônico-paraense nas áreas ribeirinhas, partirmos das observações em campo, assim como das análises das conversas obtidas com

nativos da Ilha do Murumurú em Muaná, no Marajó, pertencentes à igreja Assembleia de Deus da localidade. A comunidade é formada, em grande parte, por ribeirinhos pescadores que se utilizam da pesca de camarão e da colheita do açaí, assim como da criação de porcos, galinhas e patos, na retirada dos recursos para sua sobrevivência, tanto para o consumo quanto para o comércio dos recursos extraídos.

Gente com a rotina ainda muito ligada a costumes diferenciados da vida agitada das cidades urbanas, com o contato direto com a natureza e a sobrevivência extraída dela, assim como a vida e a cosmovisão a partir deste contato. Esse povo que vive às margens dos rios paraenses possui cosmovisões diversas, mesmo sendo estas cosmovisões oriundas de uma matriz religiosa-popular, elas estão diversificadas em muitas religiosidades. A matriz religiosa-popular apresenta características, hábitos e linguagens únicas da região, e que fornece estruturas para as religiosidades se estabelecerem no campo religioso paraense quando aderem aos comandos deste campo.

Aqui nos valem do pentecostalismo ribeirinho apresentado pelos fieis assembleianos e suas adaptações ao campo religioso paraense. Responsável pela firmação da Assembleia de Deus na cultura paraense, e assim também amazônica, a facilidade de adaptação pentecostal se deve ao fato deste possuir características populares desde seu início e que permanecem ainda hoje, constituindo-se uma das principais ferramentas para a implantação da cultura pentecostal no contexto brasileiro. No Pará, esta adaptação deu-se na facilidade pentecostal de assemelhar-se com algumas religiosidades populares amazônicas, como a pajelança cabocla e o catolicismo-popular. De fato, foi o que aconteceu, tanto que, este se firma na cultura amazônico-paraense formulando uma identidade amazônica e se tornando mais uma religiosidade popular no campo religioso, nascendo então o pentecostalismo amazônico diferenciado e por isso único.

## **Por que o pentecostalismo deu certo no Pará? A Assembleia de Deus na Amazônia**

Em seu artigo destacando o crescimento pentecostal no assentamento Zumbi dos Palmares, em Campos dos Goytacazes, Fábio Py e Marcos Pedlowski não poderiam iniciar tão bem sobre o tema do pentecostalismo, mencionando a expansão deste no Brasil e suas transições entre fiéis católicos.

As pesquisas sobre “mobilidade religiosa” no Brasil vêm afirmando o crescimento evangélico no país e a perda de fiéis católicos tanto para as denominações evangélicas quanto para os que se designam como sendo sem religião (LEMOS, 2012; CARRANZA, 2012). Contudo, são os estudos demográficos de Dias (2012) que se detém mais pontualmente nos números, apontando que o declínio do Catolicismo ocorria na base de 1% nas décadas de 1940 até 1980, para, entre os anos de 1991 a 2010, esta queda passar a ser de 1% ao ano. Sobre eles, é importante de sinalar sobre a contemporaneidade e o processo complexo “de fragmentação sobre o universo religioso brasileiro caído o peso sobre a decisão subjetiva na escolha e na construção de cada pessoa” (JACOB & HEES, 2003, p. 88).

Falar em pentecostalismo brasileiro é falar da Assembleia de Deus. Falar da Assembleia de Deus é falar de sua origem em Belém do Pará, de onde saiu o movimento pentecostal para todo o Brasil. Por esta razão tentamos aqui argumentar um pouco do pentecostalismo apresentado na região aonde este chegou, iniciou e cresceu. Cresceu tanto que se misturou ao meio paraense e hoje se confunde às religiosidades então presentes nestas localidades paraenses. Logo, o que encontramos nas regiões onde o pentecostalismo floresceu é, não mais um pentecostalismo somente, e sim pentecostalismos. Ora, já desde suas origens o pentecostalismo tem sido assim, “fenômeno que deve ser visto no plural, à luz da multiplicidade de culturas que condicionaram a sua origem e desenvolvimento em todo o mundo” (CAMPOS, 2005, p. 102).

Escolhemos aqui o termo pentecostalismo amazônico popular para apresentar um pouco dos hábitos e costumes pentecostais com características únicas, mas não legitimados pelas instituições. Características resultantes da

assimilação pentecostal da cultura local rica em sincretismos, como a Assembleia de Deus legalizada de hoje que se instalou e cresceu dentro de um campo extremamente sincrético-popular, mágico e carismático, o campo amazônico-paraense. Para compreender o êxito assembleiano - sendo esta denominação atualmente como uma religião burocratizada e ao mesmo tempo carismática - faz-se necessário a compreensão do campo de atuação e formação da identidade assembleiana paraense na formação de seu *ethos*, motivo pelo qual esta vem a se tornar paraense, amazônica e brasileira, mesmo sendo fundada por suecos influenciados pelo pentecostalismo americano.

### **A chegada ao Brasil: Belém do Pará**

O pentecostalismo tem sido tratado como um dos movimentos religiosos mais notórios do último século e estudos sobre suas origens têm tentado explicar sua trajetória mundo afora. No Brasil, o movimento ainda encontra-se em alta, com um número cada vez maior de ramificações e denominações pentecostais espalhadas por grande parte do território brasileiro. O movimento tem rompido as fronteiras dos Estados, cidades, campo, interior, centros urbanos e periferias, chegando aos lugares de difícil acesso, onde outras instituições religiosas não estão tão presentes.

O pentecostalismo chega ao Brasil em 1910, com o italiano Luigi Francescon, este funda a Congregação Cristã no Brasil (CCB) no Paraná. No entanto, com os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren em Belém, o pentecostalismo começa sua trajetória de afirmação na cultura brasileira. Necessário frisar que ambos os missionários, os suecos e o italiano, embora sejam de origem batista e presbiteriana respectivamente, vieram do modelo pentecostalista norte-americano. Ou seja, tiveram suas bases doutrinárias pentecostais nos Estados Unidos da América, tendo como doutrinador William H. Durham, este sendo um batista que aderiu ao pentecostalismo (BAPTISTA, 2002, p.22).

Contudo há de se questionar por que tanto interesse dos três missionários pelo Brasil? Seria pelo fato da predominância católica no País? Seria pelo fato de o Brasil ser ainda *terra nova*, com poucas instituições protestantes atuando? Ou seria apenas missão através da ordem divina como comenta o mito de origem da instituição assembleiana? Algumas versões são usadas para explicar tais indagações, mas o fato é que, se os missionários tinham em mente o propósito de fazer a fé pentecostal anunciada e conhecida, obtiveram considerável sucesso nela.

### **Por que a Assembleia de Deus, e não a Congregação Cristã no Brasil?**

A pergunta a ser feita hoje, com a Assembleia de Deus sendo considerada a maior denominação pentecostal do Brasil, é: por que Assembleia de Deus deu certo em Belém do Pará e no Brasil? Pois ela é considerada a *mãe* do pentecostalismo brasileiro. A matriz (ALENCAR, 2013), ainda que não tenha sido a primeira a chegar a terras brasileiras. Neste caso nos caberia outra pergunta: por que a Assembleia de Deus é considerada a *mãe* do pentecostalismo brasileiro e não a Congregação Cristã no Brasil? Logo veremos que uma pergunta está ligada a outra.

Começemos respondendo a segunda pergunta: por que a Assembleia de Deus é considerada a *mãe* do pentecostalismo brasileiro? Vários fatores contribuíram para isto: 1) Francescon funda a Congregação Cristã no Brasil direcionada à comunidade italiana. O que de certa forma faz com que a denominação não se encaixe nos hábitos sincréticos brasileiros; 2) desde sua fundação a igreja criada por Francescon tenta preservar ao máximo seu estilo de religião fechada para o “mundo”, igualando-se ao conceito de seita (WEBER, 2010), o que limita bastante seu crescimento como comunidade; 3) ainda há o fato de a CCB adotar a doutrina calvinista da predestinação, se Deus quiser Ele salvará os eleitos sem a necessidade de fazer proselitismo.

Contrariamente, a Assembleia de Deus já nasce com o propósito de se expandir em terras brasileiras, embora prezando pelo comportamento de seita. Tanto que, em menos de três décadas já estava presente em vários Estados, como também nos interiores do Pará (ALENCAR, 2009). O avanço assembleiano e seu estilo pentecostal agregador e acolhedor da população, contribuiu para o estabelecimento da Assembleia de Deus no Brasil, fazendo desta a igreja pentecostal que primeiro se fez notório no campo religioso brasileiro por introduzir-se rapidamente ao meio popular, ainda que nas primeiras décadas não tenha sido relevante em termos percentual na população brasileira. Mas uma das razões pelas quais muitos a consideram a primeira religião pentecostal a chegar ao Brasil, embora equivocadamente. Isso também se deve ao desconhecimento de muitos sobre a Congregação Cristã no Brasil, pois esta ainda hoje mantém-se fora dos sistemas de propagação mais conhecidos da população, como as mídias eletrônicas.

A primeira pergunta torna-se mais expansiva, chegando a responder várias outras perguntas recorrentes da indagação sobre o crescimento assembleiano em terras brasileiras. Como, ou por que a Assembleia de Deus deu certo em Belém do Pará? Nossa pergunta destina-se ao Pará por este ser o *berço* das Assembleias de Deus no Brasil. Além do que, poderia acontecer de ela não ter dado certo em seu início e ter se desfeito ainda em terras paraenses. No entanto, só poderia ter saído para outros Estados brasileiros se obtivesse êxito em Belém do Pará.

Poderia ainda acontecer de haver chegado a outros Estados brasileiros, mas ter perdido força ainda no Estado do Pará. O que não aconteceu. Pelo contrário, ela continuou se expandindo, é verdade que com menos velocidade que antes, mas crescendo. Seu crescimento hoje adentrou outras áreas e campos, como comércio, política, cultura, assim como áreas antes negadas e evitadas por ela. Além do mais, hoje seu crescimento gerou disputas por ministérios além de atuantes convenções por todo o Brasil, onde cada liderança tende a agir convenientemente para seu próprio interesse.

Uma coisa não se pode negar: a Assembleia de Deus de Belém do Pará está respaldada pela história, ela possui o direito de ser considerada a origem das Assembleias de Deus brasileiras. O que resulta num carisma diante dos fiéis do Brasil inteiro, e suas lideranças belenenses se valem disso transformando Belém do Pará em cidade sagrada para o pentecostalismo. Assim como acontece com a Rua Azusa, uma tradição construída em tempo recente como o centro do pentecostalismo no mundo. A criação de um lugar ou símbolo para o mito de origem (ELIADE, 1992), e assim legitimidade.

Para compreender o sucesso da AD em Belém e no Pará, desde suas primeiras décadas até hoje, torna-se necessário conhecer a cultura paraense onde a denominação nasceu, instalou-se e cresceu. Uma terra muito ligada a religiosidades e sincretismos populares como qualquer outra cidade amazônica, apresentando hábitos e práticas orientadas por misturas de tradições antigas e modernas. Não é à toa que o povo paraense possui essas características. Temos na história de seu território encontros de hábitos entre um catolicismo-europeu-ibérico, às tradições indígenas e as africanas. O que resulta mais tarde em duas grandes manifestações da religiosidade paraense: a pajelança-cabocla e o catolicismo popular.

Ainda que o catolicismo oficial estivesse com o poder sobre o campo religioso paraense, nos anos mais adiante houve a introdução de outros grupos religiosos, como os protestantes. No entanto, a religiosidade paraense já estava consolidada num sincretismo religioso dominante, característica não somente paraense como também brasileira.

Em Belém do Pará as religiões ou tradições religiosas não seguem o curso de suas atividades com *fidelidade de freguesia* exclusiva ou própria. É que, embora as religiões cristãs detenham grande parte do monopólio do bem simbólico religioso no Pará, os sujeitos da fé paraense são transitórios por uma necessidade aparentemente natural. Não encontram dificuldades de transitar entre as diversas denominações e suas ofertas (HERVIEU-LÉGER, 2008). Tal transitoriedade religiosa se deve aos encontros de religiosidades europeias,

indígenas, caboclas e africanas, que ocorreram desde a formação do Brasil colonial. Jean-Paul Willaime comenta que “o Brasil oferece um panorama religioso particularmente significativo no que concerne aos fenômenos de sincretismo” (WILLIAME, 2012, p. 126).

Com o catolicismo europeu enxertado de paganismo, e agora presente na colônia, o campo religioso brasileiro apresentou significativas transformações. Desta vez, influenciado pela proliferação das santidades sincréticas, misturas de práticas indígenas, caboclas, católicas e africanas (SOUZA, 1986, p. 95). O resultado disso é uma religiosidade popular marcante e peculiar que acompanha o sujeito da fé mesmo dentro das religiões institucionalizadas, fazendo com que estes aceitem os dogmas da religião, não abandonando, no entanto, as práticas de sua religiosidade popular presente em seu meio tradicional de convívio com a comunidade. Esta é uma característica marcante nos fiéis paraenses, e a nosso ver, foi se adequando à ela que a Assembleia de Deus, passou a ser paraense, passou a ser amazônica, passou a ser brasileira.

Ora, por que mais a Assembleia de Deus daria certo em Belém do Pará e com ela o pentecostalismo no Brasil? Poderíamos dizer de antemão que ela conciliou com o hábito sincrético brasileiro, isso começou por Belém do Pará. Pois, antes teve que se conciliar ao sincretismo paraense, visto que, ela poderia ser uma denominação ligada ao estilo europeu-sueco de seus fundadores com origens batistas, ou ela poderia se fechar somente às doutrinas pentecostais norte-americanas de onde partiram seus missionários para cá. No entanto, com o decorrer de sua trajetória brasileira, em especial paraense, vai incorporando a cultura sincrética amazônica, assim como passa a interferir na mesma. Ora, incorporar a cultura também remete fazer parte dela. É o que vem acontecendo, algumas das práticas pentecostais exercidas pelos assembleianos tornaram-se parte do linguajar popular, dos costumes, das crenças e credos, da visão de mundo do indivíduo paraense.

### **Misturando-se ao meio paraense**

A facilidade pentecostal de realização de cultos, assim como das práticas de seus rituais mágico-religiosos em qualquer lugar, hora ou espaço, encontrou maiores benefícios ao se dispor às comunidades aonde chegaram. Num ambiente marcado pelo sincretismo religioso popular, como o campo paraense, sua pajelança cabocla e seu catolicismo popular, o modo pentecostal fez de tal campo sua demanda. Um campo atrativo para as práticas mágicas que ele já possuía e as que ele, ao mesmo tempo, ressignificou do campo amazônico. O pentecostalismo reata, de certa forma, a mística e a magia ao meio evangélico quando surge com práticas-rituais-mágicas não encontradas nas igrejas protestantes tradicionais que traziam lideranças intelectualizadas e que já se encontravam em Belém antes da chegada dos pentecostais.

Não só com rituais, mas com crenças em determinadas práticas que trariam resultados eficientes e milagrosos, o pentecostalismo dispõe ao povo paraense algo familiar, a credibilidade exercida nas soluções realizadas através das práticas mágicas. É que, o pentecostalismo possui ramificações ou tradições que podemos denominar como mágicas, e o pentecostalismo amazônico-sembleiano é uma delas. O certo é que ele não teria se disseminado tanto se não acumulasse carisma advindo de suas práticas mágicas nos meios populares. Pois, “a magia é o lugar ‘espiritual’ da chefia carismática” (Weber, 2013 p.10).

O pentecostalismo não só foi aderido por boa parte da população paraense, como também aderiu práticas rituais diversificadas, modos e costumes do campo religioso, adequando-se a ele e oferecendo serviços religiosos ao povo. Haja vista que o pentecostalismo, *sempre pescou no aquário dos outros*, ou seja, foi convencendo indivíduos que já pertenciam a outros credos religiosos, assim expandindo-se. Cresceu tanto que se tornou impossível de ser unificado, hoje existem pentecostalismos resultantes das adaptações pentecostais em cada região ou localidade do Brasil em que a fé pentecostal chegou. Aqui nos fica a pergunta: como não dar certo um movimento que se

identifica com a cultura e os *habitus* dos lugares em que se instala? Ora, se este consegue tamanha façanha, é porque consegue inserir-se primeiramente no meio popular destas localidades aonde chega.

### **Sofrendo mudanças, sem deixar de ser o mesmo**

O pentecostalismo acompanhou o Brasil em seus desenvolvimentos e nas mudanças pelas quais este passou. Mais que isso, ele é uma ramificação que não ficou para trás, ajustou-se e se ajusta a mudanças de cada contexto. Embora haja denominações dentro dele que parece haver parado totalmente no tempo com suas doutrinas arcaicas, outras formas de pentecostalismos surgem, adequando-se aos novos rumos tomados pela sociedade. Além do mais, o pentecostalismo brasileiro é único (ALENCAR, 2013). Diríamos que é composto de muitos outros pentecostalismos em si, assim como o catolicismo brasileiro, ou por que não dizer o próprio cristianismo. Logo, temos refletido nestas grandes expressões religiosas as características intrínsecas do povo brasileiro e nas manifestações possíveis de uma “matriz religiosa brasileira” (BITTENCORT FILHO, 2003, p. 115).

Justamente por ser único e ser brasileiro, o pentecostalismo se adéqua a um contexto místico e diversificado de crenças e rituais pertencentes ao campo religioso, mesmo obtendo diferenças simbólicas e dogmáticas. O que antes era combatido, hoje é dominado e consagrado, tanto que, o pentecostalismo paraense oferece soluções para problemas como trazer a pessoa amada (restituição do casamento), exerce trabalho para o fechamento do corpo do fiel: “mil cairão ao teu lado e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido” (BÍBLIA, Salmo, 91: 7), abre e fecha caminhos (no que diz respeito a emprego e prosperidade). Todas essas expressões são extraídas de crenças populares brasileiras que oferecem através de suas práticas mágicas tais benefícios. Em especial as tradições paraenses e seus usos de ervas para banhos mágicos, chás,

perfumes e todos os tipos de mandingas e simpatias encontradas no mercado a céu aberto chamado de Ver-o-Peso em Belém.

Ora, se o pentecostalismo deu certo em Belém do Pará ou no Brasil, é porque se tornou exímio infiltrador das culturas nas regiões e áreas em que chegou e se instalou, confundindo-se no decorrer do tempo com os hábitos e costumes desses lugares. Veremos adiante esta infiltração pentecostal nas práticas da religiosidade popular-paraense que se encontra fundida em uma religiosidade amazônica composta por um pentecostalismo popular, resultante das adaptações pentecostais nas culturas locais onde ele firmou-se.

Muitos outros comentários poderiam ser feitos para o reforço das questões tratadas neste trabalho sobre as origens e causas do êxito assembleiano em terras paraenses. No entanto, a nosso ver, todos girariam sobre a característica peculiar assembleiana de se identificar com o popular, embora hoje institucionalizada. Claro que existem outros fatores que se modificam de acordo com a região e localidade aonde o pentecostalismo assembleiano chegou, aqui nos aprouve trazer um pouco do que para nós fez de um movimento marginal, além de institucional, mais uma religiosidade popular amazônica, atraindo as demandas do campo religioso amazônico através do “aspecto ‘irracional’ da mística” (CAMPOS, 2005, p. 107). Se é que podemos considerar a mística racional ou não.

### **A Amazônia e o pentecostalismo**

A Amazônia sempre foi um desafio exploratório para qualquer evento, para as missões religiosas não foi diferente. Mesmo o catolicismo em seu empenho nas catequeses no início da colonização do Brasil, viu-se diante desse desafio, assim como as missões protestantes. No entanto, os pentecostais hoje se fazem presente na maioria das comunidades existentes na área amazônica, até mesmo porque estes começaram suas missões, e com isso sua expansão, pelo território amazônico. Os pentecostais saíram de Belém para os interiores

paraenses, indo mais adiante levaram o pentecostalismo aos demais Estados brasileiros. O Estado do Pará é uma terra rica em práticas e rituais mágico-religiosos, uma mistura de credos culturais e costumes tradicionais ou rearranjados no decorrer da construção do Brasil. Destacamos as religiosidades populares mais fortes na Amazônia paraense, e aqui apontaremos a pajelança cabocla para demonstrarmos que o pentecostalismo, de certo modo, achou-se *familiarizado*.

O sistema de crenças da pajelança cabocla produziu uma rica construção no decorrer do tempo até chegar ao que hoje temos por pajelança cabocla. Vicente Sales (1969) em “Cachaça, pena e maracá”, fala da “individualidade das crenças primitivas sendo conservadas pelo povo, embora este tenha aceitado a religião dos europeus”. E não só dos europeus, como também a religião dos africanos que foram trazidos como escravos e que tinham de aceitar a religião de seus senhores (católicos). Sales comenta que os cultos negros paraenses são influenciados pela literatura especializada dos candomblés baianos e da umbanda carioca. Somando-se a isso, diz que “um pajé quase sempre é um bom católico”, resquícios de um sincretismo de um campo extremamente diversificado religiosamente. Com as crenças primitivas, o catolicismo, os cultos afros e a religião indígena, logo a pajelança cabocla vai resultando de uma colcha de retalhos trazendo santos, orixás e o baixo espiritismo ligado á umbanda carioca, e em Belém sofrendo influência da mina maranhense (SALES, 1969). Surge assim uma das religiosidades típicas da Amazônia, resultante da diversidade dos campos religiosos dentro de um único espaço, englobando seu meio e suas crenças. É neste terreno que o pentecostalismo será *semeado*, florescendo como mais uma “religião criativa, obra dos estratos mais baixos” (NIEBUHR, 1992, p.27).

O pentecostalismo ao chegar a Belém do Pará foi mais uma religião cristã que combatia as práticas mágicas amazônicas, como o curandeirismo, as pajelanças e o catolicismo popular. Em contrapartida, pode ser considerado o que mais se assemelhava com tais práticas combatidas por ele, ou seja, num

campo sincrético/mágico/místico às práticas pentecostais de cura, danças rodopiantes, exorcismos, palavras estranhas semelhantes à de transe (glossolalia), revelações (mistérios) e profecias sobre a vida dos fiéis, como outras tantas práticas pentecostais, só poderiam ser estranhas mesmo diante de religiões intelectualizadas como os protestantes tradicionais, ou em instituição formal como a católica oficial, ambas presas pelos dogmas institucionais. Coisa que no meio popular não aconteceu. Além disso, os pentecostais em seu início no Brasil possuem ainda outra coisa em comum às tradições religiosas amazônicas, o fato de este também ser mais uma religiosidade à margem das instituições religiosas já estabelecidas na região. Junto às religiosidades populares amazônicas, o pentecostalismo também era marginalizado e combatido.

Hoje podemos dizer que o pentecostalismo existente na Amazônia nada mais é que um pentecostalismo único. Sendo produto de seu meio, muito mais sincrético, quanto ao que chegou às terras paraenses, trazido por Daniel Berg e Gunnar Vingren. Atualmente podemos parafrasear Vicente Sales (1969), mencionando um pouco do contexto amazônico descrito por ele, no entanto, modificado pelas posições dos agentes atuais. Pois, *um pentecostal quase sempre é um bom pajé*, graças a grande característica pentecostal de absorção e transformação que resulta numa adaptação pentecostal em qualquer meio.

Os pentecostais se multiplicaram mesmo combatendo as práticas da pajelança. No entanto, não deixaram de oferecer um pensamento mágico ao caboclo amazônico. Demonizavam as práticas do catolicismo popular, assim como as práticas de pajelança cabocla, e ofertavam às demandas amazônicas rituais pentecostais mágicos para suprir as práticas-rituais nos hábitos amazônicos do dia-a-dia. Claro que para os pentecostais não se trata de magia, eles nem sequer a admitem. Para eles o que oferecem é a *vontade divina*, o *operar de Deus*. Magia não existe no mundo pentecostal, o que existe é *milagre*. No entanto, se um pajé realiza seu ritual, isto na visão pentecostal, nada mais é que

*práticas malignas*, devendo ser combatidas através do *poder divino* a serviço do *homem de Deus*, o profeta pentecostal.

### **Pajés e profetas: agentes autônomos de duas religiosidades**

Um pajé é mais que um benzedor ou curador, parece estar dotado de autoridade para lidar com as forças que acometem a vida dos indivíduos de seu meio, domina o conhecimento das ervas terapêuticas e está apto com receitas no combate das moléstias que acomete o doente. As moléstias podem e são, na maioria das vezes, causadas pelo assombramento ou pela flechada de *bicho e encantados*. Raymundo Heraldo Maués (1990) menciona como “doenças de causa não natural” que punem o homem quando este faz mau uso da natureza, então o pajé recorre aos *encantados* na tentativa de *negociação* para a quebra de tal encanto.

O profeta pentecostal é uma nomenclatura, um termo, tirado das passagens bíblicas e aplicado no cotidiano pentecostal atual. Nada tem a ver com os profetas bíblicos e suas práticas, já que estes tinham como prioridades a denúncia contra injustiças sociais e a resistência à monopolização do sagrado pela elite religiosa-sacerdotal (ALVES, 1984), ou sendo o “homem da crise” (BOURDIEU, 1982). O profeta pentecostal, na verdade, nada mais é que um agente autônomo religioso *bricoleiro* que junta as práticas mágicas atuantes no meio onde ele se encontra, para assim atender as demandas variadas sem fugir da *legitimação divina*. Pois, este independentemente das práticas fora da instituição pentecostal, é um agente religioso *a serviço de Deus* para a comunidade.

Assim como o pajé, o profeta pentecostal parece estar dotado de autoridade para lidar com as forças que acometem a vida dos indivíduos de seu meio. Domina o conhecimento das práticas de cura, estando apto no combate das moléstias que acomete o doente, utilizando-se da imposição das mãos e orações. Mesmo no meio pentecostal as moléstias podem e são, na maioria das

vezes, causadas por um tipo de mal espiritual, *doenças de causa não natural*. Assemelhando-se aí ao credo da pajelança, aqui também acusadas por punição aos indivíduos, no entanto, por motivos diferentes quando estes se encontram em pecado. O profeta recorre a Deus na tentativa de *negociação* para a quebra de tal mal, mencionado por ele como a *repreensão divina*. A pergunta pertinente é: como práticas semelhantes dentro de um mesmo espaço poderiam ser consideradas estranhas pela comunidade? E ainda, se elas apresentam os mesmos significados e objetivos? É o que acontece com as práticas pentecostais e as práticas de pajelança cabocla, elas divergem em muitos aspectos, no entanto, sua conotação mágico-mística, de certa forma, as faz próximas.

É bem verdade que muitos outros rituais criam um abismo enorme entre as duas religiosidades quando percebidos antagonicamente. Como por exemplo, o fato de o pajé ingerir bebida alcoólica para seu transe e se utilizar de ervas e a fumaça destas em seus rituais. O que confrontaria com os rituais pentecostais, estes com certeza diriam “não vos embriagueis com o vinho, onde há contendidas, mas enchei-vos do Espírito” (BÍBLIA, Efésios, 5: 18). O mesmo refere-se ao cigarro, pois a *fumaça só se for o shekyna de Deus*. Contudo, podem ser considerados poucos os pontos que se assemelham entre pajelança cabocla e pentecostalismo amazônico.

No entanto, compreendemos que embora a cosmovisão diferente e as formas das práticas mágicas diferentes umas das outras, igualam-se no objetivo de prover resultados satisfatórios ao sujeito religioso diante dos infortúnios da vida. Oferecendo assim resultados através de práticas mágicas reconfiguradas ou ressignificadas no meio ribeirinho. Por esta razão apresentamos no quadro abaixo alguns pontos que para nós remetem a tais objetivos encontrados nas formas de alcançá-los através das duas religiosidades amazônicas.

Tabela 1- Pontos de semelhanças em algumas práticas pentecostais e da pajelança-cabocla.

<b>Pajelança cabocla</b>	<b>Pentecostalismo amazônico</b>
<b>Pajé</b>	<b>Profeta pentecostal</b>
Benze	Ora
Curador	Curador
Dotado de autoridade para lidar com as forças da natureza	Dotado de autoridade para lidar com as forças espirituais
Domina o conhecimento das ervas terapêuticas	Domina as práticas rituais de cura
Utiliza-se de ervas e rezas	Utiliza-se de óleo ungido e orações
Recorre aos “encantados” para a realização de seus serviços	Recorre a Deus, seus anjos, Espírito Santo ou Jesus para o sucesso de seus feitos

Alguns itens relacionados à visão da pajelança cabocla e do pentecostalismo amazônico ocupam funções, importâncias, hierarquias e imagem semelhantes, embora o distanciamento excludente das cosmovisões. Males-problemas, soluções e relação com o desconhecido ou sobrenatural se dão através do entendimento dos crentes e seu relacionamento com seus seres denominados e hierarquizados pelo poder que possui e sua função.

Tabela 2- Alguns itens relativos à visão da pajelança cabocla e do pentecostalismo.

<b>Pajelança cabocla</b>	<b>Pentecostalismo amazônico</b>
Encantados	Anjos e demônios. Espírito Santo e Jesus
Flechada de bicho	Seta maligna
Doenças de causa não natural	Males espirituais
Consequências pelo mau uso da natureza	Consequências pelo pecado
Encante e a quebra dele	Maldição e a quebra dela

Não é à toa que a figura do profeta pentecostal tenha encontrado espaço para atuar na religiosidade paraense com facilidade. Coisa que outros agentes religiosos não ligados às práticas mágicas não conseguem, isso resulta da semelhante característica de religiosidade popular que se adapta ao cotidiano para supri-lo, encontrada na pajelança cabocla e no pentecostalismo amazônico e seus agentes.

Não há muitos anos atrás presenciávamos o forte costume popular das benzeções realizadas em grande parte, por senhoras de idade que se utilizando de um galho de planta e sacudindo-o sobre o indivíduo punha-se a rezar e a repreender os males. Seus clientes eram quase em maioria as crianças trazidas por suas mães, objetivando “tirar o quebrando”. Ainda podemos presenciar tais práticas em algumas localidades paraenses, no entanto bastante resumidas, quase que desaparecendo.

A nosso ver, isso resulta do fato de o pentecostalismo adentrar ao costume popular paraense através de sua expansão e sua oferta. Pois, hoje os pentecostais estão presentes nas áreas populares como qualquer outro credo religioso, e tornou-se mais fácil achar um profeta pentecostal que uma benzedeira. Na verdade, o pentecostalismo paraense trouxe sua *versão* de benzedeiros na pessoa das profetisas, mulheres pentecostais que se utilizam de práticas de oração e imposição de mãos, juntamente com aspersão de óleos ungidos na prática de cura e quebra de maldições, ofertando suas práticas principalmente nas comunidades mais pobres. Torna-se notório então que, a população mais pobre sempre esteve ligada a práticas simpático-mágicas, e esta seja talvez uma das razões mais fortes para o pentecostalismo popular ter despontado no Brasil, em especial em Belém do Pará, considerada *berço* do movimento no país.

Ora, Belém do Pará desde sempre se viu herdeira de um sincretismo religioso pertencente aos hábitos de seus habitantes. A religiosidade popular sempre esteve no cotidiano do indivíduo paraense na tentativa de assegurar-lhe

os melhores resultados nos feitos empenhados por ele. Ela se encontra no banho de ervas, e suas indicações variadas, dependendo do objetivo a ser alcançado, trazendo porções/soluções mágicas como banhos para chamar dinheiro, atrair mulher, espantar mal olhado, abrir caminho, conseguir emprego, como também nas superstições e outros.

Neste terreno fértil para práticas sincréticas e religiosas, no entanto, monitorado durante algum tempo pela religião católica até então dominante, não haveria grandes dificuldades em oferecer a este povo práticas mágicas para as soluções das necessidades do dia-a-dia. Começaria assim um longo processo de substituição de práticas e produtos religioso/mágicos implantados no *habitus* paraense por parte do pentecostalismo. Tal processo levou quase cem anos para que no campo de concorrência os pentecostais da Assembleia de Deus viessem a adquirir capital religioso acumulado para assim conseguir uma *fatia* do mercado religioso paraense. Hoje as duas grandes detentoras do monopólio dos bens simbólicos (BOURDIEU, 2009) no Pará são: a Igreja Católica e a pentecostal Assembleia de Deus.

Contudo, podemos dizer que a Assembleia de Deus possui características mais próximas de uma religiosidade popular, embora pertença hoje a uma liderança cada vez mais burocratizada e legalista que segue rotinizando cada vez mais seu carisma, transformando em carisma institucional seu sagrado (WEBER, 2014).

O pentecostalismo de certa forma veio substituir, em muitos casos, no meio religioso popular paraense as práticas de pajelanças e curandeirismos ou até mesmo práticas religiosas do catolicismo popular. Os costumes religiosos pertencentes à periferia hoje, sofrem transformações de rituais, mas a finalidades continua a mesma. As mudanças acontecem em grande parte pelo fato da demanda religiosa estar sendo alcançada pelo pentecostalismo e seus usos e costumes.

Pouco se ouve falar da procura ao pai de santo para a realização de trabalhos na tentativa de obter a derrota de seus *inimigos*. Importante ressaltar

que na periferia, área onde pertencemos e pesquisamos, o número de terreiros encontrados nas duas últimas décadas reduziu, sendo resultado, em grande parte, pelo falecimento do pai de santo, seguido do fechamento da casa. O costume agora é *colocar* o ofensor nas *mãos de Deus* e não mais na *boca do sapo*. Não estamos falando com isso, que as demais religiosidades, aqui de origens afro-religiosas, deixaram de existir nestas localidades, o certo é que elas diminuíram bastante nas últimas duas décadas, e o pentecostalismo e sua adaptação ao meio tem grande parcela nesta reorganização do espaço religioso.

Patrícia Birman (1996, p.202) comenta que: “até os anos oitenta a literatura sociológica não parecia encontrar nenhuma dificuldade em apontar os traços que, grosso modo, distinguem no campo religioso brasileiro aqueles que pertenciam aos pequenos grupos pentecostais”. Hoje existe uma enorme dificuldade de se traçar uma identidade pentecostal. Pois, ainda que este tenha se expandido, expandido seu *habitus*, não ficou imune às influências de outro *habitus*. Mesmo o terreno em que o pentecostalismo tem conquistado não lhe garantiu conversões às tantas, não na medida em que se acredita. Na periferia de Belém muitos indivíduos aderirem às práticas pentecostais, mas nem sempre se convertem, não possuindo assim vínculos de responsabilidades com a denominação que frequentam. Verifica-se neste contexto, o trânsito do indivíduo que é capaz de percorrer diversas ramificações religiosas fazendo uma bricolagem de traços dessas tradições (HEVIEU-LÉGER, 2008).

### **Pentecostalismo ribeirinho: pentecostalismo popular**

Há muito o pentecostalismo em Belém e nos interiores do Estado do Pará já não é coisa somente de institucionalização de igrejas, diferentemente de seu início quando defendia com *mão-de-ferro* a ideia de unidade numa só doutrina, objetivo nunca conseguido, pois mesmo nas primeiras décadas o pentecostalismo adaptou-se a cultura local, assim como a cultura paraense o introduziu em suas religiosidades sincrético-populares. Há claramente, pelo

menos, dois tipos de pentecostalismos atuantes numa única comunidade: o pentecostalismo imposto pelas igrejas e o pentecostalismo vivido pelos adeptos, simpatizantes e fiéis. Sendo, portanto dois, o pentecostalismo idealizado institucionalmente e o pentecostalismo popular.

O pentecostalismo imposto pelas instituições e igrejas, ainda que trabalhado rigorosamente na construção de *habitus* próprios e separados do resto da comunidade que o cerca, não consegue fugir da influência causada pela cultura local. Ainda que suas lideranças forneçam instruções acerca de prática e comportamentos pentecostais institucionais, o povo vive entre suas práticas dentro da igreja e suas práticas no cotidiano popular. Foi-se o tempo em que ser pentecostal era ouvir somente o pastor, portanto, este tipo de pentecostalismo pode ser considerado como um pentecostalismo idealizado institucionalmente, onde funciona plenamente ou não, não sabemos, dentro das igrejas somente. Pois é o único lugar em que a instituição ainda comanda: o espaço de culto. Na realidade, o que ocorre entre muitas igrejas pentecostais e entre indivíduos de suas localidades, é o remanejamento das práticas e instruções simbólicas extraídas das pregações dentro dos templos pentecostais por parte do indivíduo que as introduz em suas práticas diárias repletas de hábitos culturais locais. Fazendo assim a troca de hábitos entre costumes pentecostais e hábitos locais. Portanto, há um pentecostalismo dentro da igreja e outro fora desta, sendo o segundo uma espécie popular refletida da religiosidade pentecostal institucional.

Temos como pentecostalismo popular as práticas de cunho confessional-pentecostal, que, sofrendo alterações ao serem introduzidas às outras práticas religiosas locais, refletem uma fé pentecostal repartida e exercitada por muitos indivíduos sem a conversão a alguma instituição por parte destes, e com isso, sem o compromisso doutrinal ou de pertença à membresia. Enquanto instituições religiosas requerem a conversão do indivíduo para assim *legalizar* o sujeito religioso nas práticas religiosas ofertadas por ela e dentro dela, o pentecostalismo popular oferece ao indivíduo o livre exercício das práticas

mágicas através das palavras-amuletos. São palavras que dispensam o sacerdote como mediador e intercessor, haja vista o *poder* que nelas contém. Com isso, palavras como: *tá amarrado! Tá queimado! Em nome de Jesus! Eu creio! Recebe! Eu determino a vitória! Sangue de Jesus* e outras tantas palavras pertencentes aos hábitos pentecostais, saíram dos templos e foram fazer parte do dia-a-dia do indivíduo paraense na assistência de sua compreensão de mundo e suas necessidades.

Pentecostalismo popular é a prática-ritual ou mágico-simbólica agora pertencente a uma comunidade não legitimada institucionalmente. É o pertencimento ao meio de uma religiosidade que, embora institucional, extravasa para o cotidiano de modo literal e livre, permitindo assim o uso de alguns de seus hábitos, práticas ou crenças na realização de costumes não pentecostais. Como vemos em municípios paraenses localizados no interior do Estado, ricos em cultura-folclórica, onde seus habitantes ainda que convertidos ao pentecostalismo, não deixam de temer os seres *encantados*, como o boto e sua lenda.

Em nossa passagem por Muaná, Ilha do Marajó interior do Pará, presenciamos não só a crença na lenda do boto, amedrontando os indivíduos desta comunidade, mas também os interditos e presságios evitados ao máximo por seus moradores. Como as recomendações costumeiras nas localidades, onde mulher nenhuma, inclusive as pentecostais, poderia banhar-se no rio, estando estas no seu período menstrual, pois, poderiam ser *acometidas do boto*. Assim como, a virada do dia após as dezoito horas, evita-se algumas práticas na prevenção de riscos sobre o desconhecido. Proíbe-se a jovem em período menstrual de estar saindo de casa, andando no mato ou remando a canoa. Acredita-se que a jovem atraia o boto, e que este faz de tudo para vir ao seu encontro, chegando inclusive a ponto de encantá-la numa espécie de hipnose.

Na viagem de volta para Belém, embora viajando em uma embarcação de grande porte, Dona Maria (nome fictício), uma dona de casa aposentada e mãe de uma da jovem que nos acompanhava, recomendou cuidados e vigilância

sobre a filha, pois, esta estava em período menstrual, além do que, era noite de lua-cheia. Ora, não estranhamos o costume local, surpreendemo-nos pelo fato de serem prescritos por indivíduos que professam a fé pentecostal.

Tais riscos desconhecidos podem vir dos *encantados*, como uma *flechada de bicho*, ou em forma de assombramento na visão da pajelança cabocla, ou mesmo como más investidas espirituais realizadas por demônios, na crença pentecostal. Podemos até mesmo dizer que na mistura dos dois modos de explicar os fatos e ocorridos sobre o meio em que se inserem os nativos da região. Como no relato do neto de Dona Maria que nos contou a história em que sua avó expulsou o boto que estava deitado no trapiche da casa, utilizando-se do nome de Jesus. Com isso, podemos dizer que o pentecostal relaciona-se com o *encantado* dividindo o mesmo meio, no entanto, defendendo-se de seus *encantes*, sendo por meio das práticas da fé pentecostal ou por métodos das crenças oriundas do folclore local. Nessa perspectiva, para os nativos o boto pode ser um *encantado* da natureza ou um *demônio* por trás do *encante* do animal.

Se os pentecostais ribeirinhos, ou por que não usar o termo *caboclo pentecostal*, não abandonou o folclore que o cerca e faz parte de sua vida muito antes de sua aceitação a práticas pentecostais, podemos dizer que ele já não interage do mesmo jeito que antes com os seres que fazem parte deste folclore. Isso porque, se antes uma *encantação* de boto exigia a especialidade do pajé ou de uma benzedeira para quebrar o *encante*, hoje o pentecostal ribeirinho utiliza-se somente do pronunciamento do nome de Jesus, quando muito de um vidro de óleo ungido. Sua proteção contra as invasões dos seres *encantados* ao seu lar no decorrer da noite, é efetuada através de orações e não mais com alhos, sal, cebolas e água-benta nas portas e janelas de sua casa.

Como já mencionamos, a troca de hábitos é simultânea. O *caboclo pentecostal* já não é mais o ribeirinho que se utiliza somente de rituais ou hábitos tradicionais de antes, da mesma forma que o pentecostalismo vivido por este caboclo não será o idealizado e imposto pela instituição. Com isso, não

queremos mencionar o total desaparecimento das tradições culturais e seu folclore nestas localidades, haja vista que elas permanecem envoltas a outras roupagens resultantes de seu meio.

O *caboclo pentecostal*, embora convertido agora a outras crenças, não deixa de ser envolvido pelo meio ao que pertence. Terá que dividir, muitas vezes, sua fé a práticas habituais regentes da localidade onde vive, e por esta razão encontramos pentecostais ribeirinhos vendendo patos e porcos nas feiras de Belém para serem consumidos em um período de festa católica, comidas típicas da maior festividade religiosa paraense no mês de outubro, mês em que acontece a festa do Círio de Nazaré, época em que pentecostais ribeirinhos aumentam um pouco mais sua renda (*benção*) vendendo os produtos de sua extração.

O contexto é tão diversificado religiosamente que uma festa de determinada religiosidade envolve o meio social atingindo indivíduos não professantes desta fé apenas por pertencerem ao meio. Além do mais, foi-se o tempo em que Belém do Pará era *domínio* somente de católicos, devendo-se as mudanças no número de fiéis dentro das instituições religiosas e suas migrações (HERVIEU-LÉGER, 2008), principalmente de católicos pertencentes ao catolicismo popular para o pentecostalismo.

### **Considerações finais**

O quadro da família paraense hoje é de católicos, pentecostais, umbandistas e outros dividindo o mesmo lar, convivendo juntos e estreitando ainda mais suas relações e contribuindo de algum modo para um início da prática da alteridade entre todos. Isso resulta na partilha de hábitos já dentro da família paraense, reforçando o sincretismo amazônico e suas religiosidades. Por esta razão, podemos dizer que na Amazônia as instituições religiosas que se firmaram como peculiar a área, aprenderam a desenvolver uma versão popular de sua religião institucionalizada. Aqui poderíamos dizer que estas

desenvolvem sem querer, pois as versões populares das religiões institucionalizadas surgem da comunidade, ou melhor, dos indivíduos desta comunidade. No entanto, em muitos casos as instituições deixam de combater as versões populares de sua religião quando estas já possuem força e solidez no meio religioso daquela comunidade, passando assim a administrá-las, mesmo considerando-as subalternas, como acontece com o catolicismo popular, assim como também com o *pentecostalismo popular amazônico*. Duas grandes religiosidades de massa ligadas a duas grandes instituições religiosas paraenses contribuintes dos hábitos culturais e costumes no Pará.

A dinâmica atuante no campo religioso amazônico-paraense transcorre por todas as áreas sociais da vida dos indivíduos pertencentes a esta localidade. É quase impossível separar secularidade das práticas rituais mágico-religiosas dos indivíduos crentes. O resultado do modo de relacionamento dos indivíduos crentes com o seu meio é um dos grandes fatores para as adaptações e reconfigurações das cosmovisões das comunidades. Deste modo, pentecostais, católicos e praticantes das diversas religiosidades populares paraenses trazem elementos caracterizantes de uma matriz mágico-religiosa paraense que facilita ressignificações das crenças à cultura local e vice-versa. O pentecostalismo vem se *aproveitando* deste fator há logo tempo.

## **Referências**

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleia de Deus 1911/2011*. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.
- ALVES, Rubem Azevedo. *O que é religião*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. *Bíblia Sagrada*. Revista e Corrigida. CPAD. Ed. 1995.
- BIRMAN, Patrícia. Mediação feminina e identidades pentecostais. *Cadernos Pagu*, vol. 6-7, Campinas: Unicamp, 1996, p.201-226.
- BITTENCORT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, n.67, setembro/novembro, São Paulo 2005, p.100-115.

- ELIADE, Mircea, *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens*. Um estudo da vida religiosa de Itá. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. *A Ilha Encantada*. Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores. Belém: Editora Universidade/ UFPA, 1990.
- MOTTA-MAUÉS, Angélica; MAUÉS, Raymundo; VILLACORTA, Gisela Macambira (org). "Matintapereras e pajés: gênero, corpo e cura na pajelança amazônica." *Pajelança e Religiões Africanas na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2008.
- NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: ASTE/ Ciências da Religião, 1992.
- PEDLOWSKI, Marcos A; PY, Fábio. Pentecostalização assentada no assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ. *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 829-852. Set./dez, 2020.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- SALLES, Vicente. "cachaça, pena e maracá". *Brasil Açucareiro*: Rio de Janeiro, 1969, 27 (74), p. 46-55.
- SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4 ed. -Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Ícone, 2010.
- \_\_\_\_\_. Três tipos puros de poder legítimo. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/weber\\_3\\_tipos\\_poder\\_morao.pdf](http://www.lusosofia.net/weber_3_tipos_poder_morao.pdf). Acesso em: 14 dez. 2013.
- WILLIAME, Jean-Paul. *Sociologia das religiões*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

Recebido em 03-03-2020.  
Aprovado em 22-12-2020.